



A ARTE DE MAPEAR O MUNDO NA INFÂNCIA: EXPLORANDO O GÊNERO TEXTUAL MAPA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Christiane Fernanda da Costa¹

chrisferpedagoga@gmail.com

Bruno Falararo de Mello

brunofmello@yahoo.com.br

Resumo

O propósito deste estudo concentrou-se em investigar as representações da localidade produzidas por 52 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola da rede pública do município de Rio Claro, São Paulo, Brasil. Na perspectiva metodológica da pesquisa participante e observação de indícios, elaborou-se uma discussão a respeito do ensino da Geografia e da Cartografia escolar no âmbito do processo indissociável dos conceitos de alfabetização e do letramento. As atividades realizadas (leitura de histórias infantis, observação atenta do atlas do município de Rio Claro e um passeio pedagógico) possibilitaram, em grande parte, produções escritas pertinentes aos gêneros textuais propostos e domínios discursivos condizentes com a modalidade de escrita formal da idade e da série a que se refere.

Palavras-chave: Letramento, alfabetização, gênero textual, linguagem cartográfica, cartografia escolar.

Introdução

“Ele era um menino que adorava passear. Gostava de caminhar por todos os lugares, de viajar para diferentes locais. Ele andava pelas ruas, pelos bairros, pela cidade, pelo campo, pela praia... Seus pés tinham diferentes lugares colados neles. Mas ele tinha um segredo. Um segredo que não contava para ninguém. Ele tinha medo de uma coisa. Esse medo era um segredo dele, só seu. Ele tinha medo de esquecer como eram os lugares. E olha que ele já estudava. Já tinha aula de geografia. [...]”
(Jader Janer, 2013)

¹ Licenciada em geografia e pedagogia, doutoranda em Educação na UNESP / Rio Claro

O professor Jader Janer, em seu livro intitulado “O menino que colecionava lugares!”, explora a infância vivida em interação com o mundo: a criança tem ânsia em conhecer o universo ao seu redor. Mas como fazer a criança a ter os barrotes nos pés e a aprender o mundo?

Aprender a ler o mundo é algo maior que apenas aprender a habilidade de leitura, é aprender a compreender as coisas do mundo, as experiências humanas no espaço, é aprender geografia. O ensino de geografia deve levar o aluno à compreensão do lugar onde ele vive. Para Freire (1989, p. 11) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de a criança aprender a decodificar, ela lê implicitamente a partir das experiências no mundo.

O aluno, quando chega à escola, traz consigo valores, atitudes, experiências e hábitos de linguagem que constituem a cultura do meio em que vive. Assim, para construir o seu conhecimento, não precisa abrir mão de suas experiências; ele as utiliza para estabelecer relações entre o que sabe e o que não sabe.

O letramento está relacionado ao desenvolvimento de ações voltadas para o uso social da escrita e implica a participação de sua utilização em experiências diversificadas a partir da interação com os diferentes gêneros textuais. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, ou seja, conseguem realizar leitura dos diferentes gêneros textuais. “A exploração dos gêneros em sala de aula traz benefícios para o aprendiz, pois é uma significativa oportunidade de se trabalhar com linguagem nos seus mais diferentes usos do cotidiano” (KÖCHE; MARINELLO, 2012, n.p.).

Alfabetizar e letrar muitas vezes se confundem e se mesclam, havendo a necessidade de compreensão dos conceitos de alfabetização e de letramento, dada a especificidade de cada termo, a fim de que possamos realçar a importância de que ambos são processos distintos, porém indissociáveis. Alfabetizar não é letrar e letrar não é alfabetizar, haja vista que a alfabetização é o processo sistemático de aquisição do sistema alfabético e o letramento refere-se às práticas sociais de leitura e escrita nos diferentes contextos e com finalidades específicas.

A pesquisa de doutorado em andamento está inserida em um processo de investigação a respeito do ensino de Geografia no contexto do ensino das linguagens. Nesse sentido, pretende-se discutir nesse artigo a seguinte questão: como a produção de gêneros textuais auxilia o ensino de geografia no contexto da alfabetização e letramento nos primeiros anos do Ensino Fundamental?

Objetivos



O objetivo principal deste artigo é apresentar um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, no qual se discute o ensino da leitura e da escrita no contexto da linguagem cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa maneira, traremos a reflexão e a produção de dados realizadas no primeiro encontro no qual foram exploradas a importância da escrita e sua evolução.

Método

Para responder à questão que norteia essa investigação, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa e, nessa perspectiva, empregados dois procedimentos: a Observação Participante e o Paradigma Indiciário. O Paradigma Indiciário é um ramo da hermenêutica que busca, por meio da interpretação de sinais, símbolos, indícios e demais elementos conjuntivos de um texto, pintura, escultura etc., a extração do real significado por trás do elemento investigado (GINZBURG, 1986).

A Observação Participante foi realizada em oito encontros que aconteceram de março a abril de 2018. Participaram da pesquisa 52 alunos de duas salas de aulas do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Marcello Schmidt, localizada em Rio Claro, estado de São Paulo. A justificativa para desenvolver esse projeto de pesquisa com o 3º ano foi devido ao fato de ocorrer, nesse estágio de escolarização, “maior autonomia em relação à leitura e à escrita [...]” (BRASIL, 1997, p. 94). Além do fato de a matriz curricular para os anos iniciais do ensino fundamental de 09 anos da rede municipal de Rio Claro incorporar as disciplinas de Geografia, Ciências e História somente no 3º ano.

Análise

Como eu vou saber da chuva,
se eu nunca me molhar?
Como eu vou sentir o sol, se eu nunca me queimar?
Como eu vou saber da terra,
se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
sem aprender a gostar?
Quero ver com os meus olhos,
quero a vida até o fundo,
Quero ter barro nos pés, eu
quero aprender o mundo!
Pedro Bandeira

Pedro Bandeira, em seu poema “Vai já pra dentro menino!”, explora a infância vivida em interação com o mundo. A criança tem ânsia em explorar e conhecer o universo ao seu redor. Mas como fazer a criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental a ter os barros nos pés e a aprender o desvendar mundo? Aprender a ler o mundo é algo maior que apenas aprender a habilidade de leitura; é aprender a compreender as coisas do mundo, as experiências humanas no espaço; é aprender, enfim, geografia. O ensino de geografia deve levar o aluno à compreensão do lugar onde ele vive. Assim, esta pesquisa, baseada nos conceitos de leitura de mundo, alfabetização e letramento, defende que o ensino de geografia deva ser explorado como a linguagem nos anos iniciais, ou seja, a partir da produção de diferentes gêneros textuais.

Ainda que a escrita da criança seja algo confuso para um adulto, essa escrita é contida de significados. Dessa maneira, acreditamos que apreender as produções das crianças é superar a simples limitação de análise do processo de escrita realizada por essas crianças, ou seja, considerar apenas os aspectos gráficos dessas produções, pois as representações infantis sobre as diferentes linguagens estão imbricadas em suas vivências sociais. Assim,

Cagliari (2006) afirma que o professor alfabetizador deve contemplar na sua prática textos que envolvam a participação do aluno, problematizando a linguagem e analisando-a dentro de um contexto real de utilização dessa linguagem. Nesse processo de produção de textos, o professor precisa ter condições para perceber o que os alunos já sabem e o que precisam aprender no processo de aquisição de leitura e escrita (SILVA; FORTUNATO, 2012, p. 107).

O aluno, quando chega à escola, traz consigo valores, atitudes, experiências e hábitos de linguagem que constituem a cultura do meio em que vive. Assim, para construir o seu conhecimento, não precisa abrir mão de suas experiências: ele as utiliza para estabelecer relações entre o que sabe e o que não sabe.

Para Köche e Marinello (2012), as aulas de língua materna necessitam se voltar para o aperfeiçoamento das competências de leitura e escrita por meio do aprimoramento das habilidades de interpretação e produção de gêneros textuais. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental essas competências devem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar pelos professores polivalentes.

Para Marcuschi (2002), os gêneros textuais são ilimitados, pois inúmeras são as situações comunicativas que requerem seu uso. Os gêneros, então, são eventos textuais bastante maleáveis, dinâmicos e plásticos, e decorrem das necessidades e atividades socioculturais e das



inovações tecnológicas. As novas tecnologias possibilitam o surgimento de outros gêneros, como mensagens enviadas por e-mail, bate-papo via internet, recados postado em diferentes redes sociais, entre outros.

O referido autor ainda corrobora defendendo que gênero se refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Assim,

os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagem abertas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, mas não infinitos. Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção na prática nas atividades comunicativas humanas.

Em seu livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, Marcuschi (2008) apresenta um quadro com os gêneros textuais, no qual estabelece uma divisão por domínios discursivos e modalidades de uso da língua (escrita e oralidade). Entre os domínios discursivos elenca algumas categorias no domínio discursivo como: Instrucional (científico, acadêmico e educacional), Jornalístico, Religioso, Saúde, Comercial, Industrial, Jurídico, Publicitário, Lazer, Interpessoal, Militar e Ficcional. Abaixo segue um recorte no qual destacamos os gêneros textuais do domínio discursivo instrucional.

Quadro 1 – DOMÍNIO DISCURSIVO INSTRUCIONAL

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADE DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE

<p>INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)</p>	<p>artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; MAPAS; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização: certificado de proficiência: atestado de participação: epígrafe</p>	<p>conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevistas de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamentos</p>
--	---	--

Fonte: Marcuschi, 2008, p. 194-196 (Adaptação nossa).

Como podemos verificar no quadro acima, os mapas se enquadram no domínio discursivo instrucional na modalidade de uso da língua escrita. Rojo (2010) defende que trabalhar com os letramentos na escola consiste em criar eventos (atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possam integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que eles ainda não dominam.

Dessa maneira, acreditamos que cabe aos professores “alfabetizadores” dos anos iniciais a promoção da produção de mapas, a partir de Sequência Didática (SD) que proporciona ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero.

No primeiro encontro de produção de dados, as crianças experienciaram a escrita e o desenho na argila, em que se destacou a importância da invenção do papel e os diferentes materiais utilizados para a representação da escrita, como blocos de barro e argila, couro, tecidos, folhas de palmeiras, pedras, ossos de baleia, papiro etc. Também foram apontados os diferentes apetrechos utilizados para fazer o desenho, entre eles o dedo, carvão, penas, caneta tinteiro e esferográfica.

Figura 1 – Experienciando a linguagem escrita e a cartográfica na argila



Fonte: Dados de pesquisa, 2018.

Os registros de representações gráficas retomam a época primitiva, na qual os homens desenhavam imagens nas paredes das cavernas. Naturalmente, é impossível

saber com certeza o que expressavam as mais antigas representações gráficas. Iniciada há cerca de dez mil anos, a revolução neolítica foi marcada pelas primeiras produções de cerâmica, pela preparação dos alimentos e pela agricultura doméstica, assim como pelos desenvolvimentos psicológicos envolvidos na ornamentação e nos enterros dos mortos [...] (OLSON, 1997, p. 85).

Esses registros tinham significados, e entender e reproduzir os símbolos já era um significado de início de processos de alfabetização, sendo este de forma rudimentar. A escrita surge da necessidade de comunicação, entendimento e representação das vivências cotidianas. Nesse momento de socialização de conhecimento prévio ressaltamos que toda essa evolução de materiais e apetrechos que conhecemos e os que utilizamos atualmente tornou-se possível a partir das representações artísticas pré-históricas. Destarte, a arte rupestre foi precursora da linguagem escrita e das representações cartográficas.

Nesse primeiro momento, foi entregue um pedaço de argila para cada aluno e após a leitura do livro “Escrita: uma grande invenção”, da autora Silvana Costa, solicitou-se-lhes que realizassem um registro gráfico na argila e um registro escrito em um pedaço de papel pautado, dizendo qual foi a representação realizada e como foi experienciar a escrita na substância terrosa proveniente da degeneração de rochas. Foram observadas, desse modo, as seguintes representações e escritas:

Figura 2 – Experiência da escrita na argila I



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A aluna Y.O.D. fez a seguinte escrita ao finalizar o seu desenho na argila: *“Eu desenhei os homens das cavernas escrevendo na argila, eu ouvi falar da argila em desenhos animados.”* (Y. O. D. do 3ºA)

Figura 3 – Experiência da escrita na argila II



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O aluno C.L.A.F. escreveu: “*Eu desenhei uma caverna e um homem dentro, eu achei muito criativo e muito legal, uma experiência muito estranha.*” (Escrita do aluno: C.L.A.F. do 3ºA)

Observando ambos os registros, são notórios alguns indícios, como a curiosidade ao manusear algo que até então só tinham visto em desenhos animados, a arte estranha de escrever em um material tão distinto com o que estão acostumados e habituados na modernidade e o quão criativa e legal é a realização de atividades diferenciadas no cotidiano escolar.

Após uma discussão a respeito da evolução histórica da escrita e da linguagem cartográfica com os alunos durante os oito encontros que seguiram, foi explorado o gênero textual mapa a partir da produção de mapas mentais explorando o estudo da localidade. Por meio da produção de registros gráficos e escritos da rua, bairro e da cidade foram produzidos mapas e um atlas denominado *Atlas de Rio Claro - Experiências e leituras espaciais do cotidiano: mapas mentais por alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental*.

A figura 4 mostra o momento em que o atlas produzido por cada aluno/autor foi compartilhado, lido e admirado pela sala.

Figura 4 – Explorando o gênero textual mapa



Fonte: Dados de pesquisa, 2018.

Considerações Finais

A linguagem cartográfica foi explorada buscando fazer o aluno refletir o espaço em que vive. Desta forma, cada traço ou palavra dos registros produzidos e analisados são leituras de mundo a partir da experiência de cada sujeito com o espaço geográfico. Foi a partir da produção de gêneros textuais e mapas mentais que conseguimos aproximar as crianças do seu espaço de vivência.

Compactua-se com a ideia de Freire (1989) quando ele defende que a leitura da palavra só ganha significado e significância se ela vier intrinsecamente apreendida com a leitura de mundo do educando e socializada com o coletivo da turma. Por conseguinte, a formação ocorre pela leitura e pela experiência. Foi pela utilização das histórias infantis, da exploração do atlas do município de Rio Claro e do passeio pedagógico que possibilitamos às crianças “cartografarem” o espaço geográfico, utilizando suas experiências e leituras de mundo.

Se a produção do gênero textual funciona como um “termômetro” para o professor identificar quais capacidades da escrita ainda necessitam ser desenvolvidas ou aprimoradas, concluímos que por meio da produção de gêneros textuais em diferentes domínios discursivos é possível trabalhar alfabetização e letramento. O letramento é explorado quando se produz um domínio discursivo escrito, e a alfabetização, quando, a partir dessa produção, busca-se intervir nos problemas relacionados com a produção escrita. Concordamos com Silva e Fortunato



(2012) ao defender que os alunos só aprendem a escrever quando lhes é compreensível e quando lhes possibilitamos meios de fazer o uso social da escrita, ou seja, quando é posto à prova todo seu repertório de conhecimento diante dessa produção.

O educador, então, deve valorizar o conhecimento dos alunos e propiciar situações de aprendizagem no qual ele possa experienciar a produção dos diferentes gêneros textuais citados na Base Nacional Comum Curricular, entre os quais o mapa, considerado por autores consagrados da linguística como Marcuschi (2008) um gênero textual instrucional.

Valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e deles partir para a aquisição de novos conhecimentos é amplamente aceite como um dos pilares das teorias educacionais que atribuem a eles, os alunos, um papel ativo durante o processo de aprendizagem. No caso da nossa pesquisa, o que se aproveitou foram os conhecimentos que os alunos possuíam sobre noções de escrita, noções espaciais e noções de localização. Explorando esses prévios conhecimentos sobre a cidade de Rio Claro em sala de aula, por meio de rodas de conversa e troca de experiências, foi possível a confecção de um atlas baseado em seus mapas mentais, cuja apreciação em conjunto causou-lhes dupla surpresa: a de saber que seus conhecimentos intuitos têm valor e de que eles são capazes de produzir novos conhecimentos a partir de suas vivências cotidianas e do que aprendem na escola.

Dessa maneira, acreditamos que nos anos iniciais do Ensino Fundamental é necessário que o letramento e a alfabetização sejam trabalhados de maneira indissociável. Por meio de planejamento de sequências didáticas é possível promover a realização de atividades tendo como objetivo a produção de gêneros textuais, especificamente no ensino de geografia, a produção de mapas e atlas a partir da exploração da localidade.

Referências

BANDEIRA, P. **Vai já pra dentro menino! In: Mais respeito que eu sou criança.** São Paulo: Moderna, 2002

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1997. 156 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>> Acesso em: 01 abril 2019.

COSTA, C. F. da. **Representações do município de Rio Claro - SP: uma leitura da cartografia infantil.** 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134076>> Acesso em: 25 jan. 2019.



JANER, Jader. **O menino que colecionava lugares**. 1ª ed. Porto Alegre. Editora Mediação, 2013.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-298, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. 2ª ed. 7ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KÖCHE, V. S., MARINELLO A. F. **Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLSON, D. R. **O mundo no papel – implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.

ROJO, R. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS MÚLTIPLOS: como alfabetizar letrando** In Língua Portuguesa : ensino fundamental / Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo . - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 19) Disponível em: <http://www.academia.edu/1387803/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o_e_letramentos_m%C3%BAAltiplos_como_alfabetizar_letrando> Acesso em: 21 jan. 2019.

SILVA, G. G., FORTUNATO, M. P. **Reflexões sobre o processo de aquisição da língua escrita**. In: Gerson Gonçalves da Silva e Marina Pinheiro Fortunato (Org.) Alfabetização e Letramento em Diálogos: reflexões sobre a prática docente. São Paulo: Factash Editora, 2012